



AS IMAGÉTICAS DO CORPO E A ESCOLA: CRIAÇÕES COTIDIANAS

THE IMAGECTICS OF THE BODY AND THE SCHOOL: EVERYDAY LIFES CREATIONS

Victor Junger

Doutorado Proped/UERJ, Brasil
victorjunger@gmail.com

Bianca de Menezes C. da Silva

Mestrado Proped/UERJ, Brasil
biancamenezescastro@hotmail.com

Breno Felipe A. O. Gomes

Graduação/UERJ, Brasil
brenoffelipe@yahoo.com.br

Resumo

A seguinte proposta intenta discutir a produção imagética na sua relação com os corpos no contexto escolar, como responsável pela constituição de seus cotidianos em uma tonicidade existencial particular e significativa. Entendemos que as imagens possuem um papel não apenas importante no sentido de garantir o pertencimento dos praticantes aos espaços escolares, capazes de constituir suas identidades entre diferentes coletivos, mas também um papel imprescindível no sentido de pôr em relação os corpos com aquilo que usufruem, sentem e percebem no plano sensível. Para tanto, apresentamos nosso trabalho de pesquisa desenvolvido num colégio da rede pública de ensino, situado na cidade do Rio de Janeiro, com os bolsistas do programa PIBID em Artes Visuais/UERJ. Em uma das oficinas realizadas, sob a forma de jogo utilizamos o mobiliário da sala de aula para compor uma instalação na qual pudéssemos dispor as colagens dos estudantes, exigindo uma disposição de corpos diferente daquela instituída tradicionalmente pelo espaço escolar. Acreditamos que tal experiência nos ajuda a pensar as imagéticas dos corpos, imagens incorporadas pelos corpos, no sentido de não apenas dar-nos a conhecer os cotidianos da escola e suas produções, como também tomar parte de seus acontecimentos por um viés eminentemente pedagógico.

Palavras-chave: corpo; imagem; cotidianos escolares.

Abstract

The following proposal tries to discuss the imagery production in its relationship with the bodies in the school context, as responsible for the constitution of its daily life in a particular and significant existential tone. We understand that images play a not only important role in ensuring students' belonging to school spaces, capable of constituting their identities between different collectives, but also an indispensable role in bringing bodies into relation with what they enjoy, feel and perceive on the sensible plane. Therefore, we present our research work developed in a public school college, located in the city of Rio de Janeiro, with the PIBID scholarship students in Visual Arts / UERJ. In one of the workshops, in the form of a game, we used the classroom furniture to compose an installation in which we could arrange the students' collages, requiring a different body layout than that traditionally instituted by the school space. We believe that such an experience helps us to think about the images of bodies, images incorporated by bodies, in order not only to make us aware of the school's everyday life and its productions, but also to take part in its events through an eminently pedagogical way.

Keywords: body; image; school everyday lives.

Não é pouco usual deparar-se com imagens no curso dos acontecimentos cotidianos, em nossas rotinas na cidade, incorporadas sob as mais diversas formas e modalidades expressivas. Tão pouco poderíamos pensar esses acontecimentos sem elaborá-los em imagens, sob narrativas ou produções visuais, como algo que nos alcança e se faz perder em nossa relação com as coisas do mundo. Sua presença não se separa daquilo que tomamos como pertencente aos nossos dias, e não pode ser desvencilhada do que pensamos e vivenciamos propriamente enquanto pertencimento.

O seguinte texto intenta discutir a produção imagética na sua relação com os corpos no contexto escolar, como responsável pela constituição de seus cotidianos em uma tonicidade existencial particular e significativa. Toma-se aqui por particular o fato dessa produção se conciliar intimamente com os contextos pesquisados, constituindo a singularidade das existências que a portam e realizam, ao mesmo tempo em que marcam sua diferença em relação a outros espaços de realização. E toma-se como significativa tal produção por partimos de sua condição fundamental, sem a qual nossas existências não seriam possíveis em suas realizações epistêmicas, poéticas e extáticas.

As imagens se conciliam diferentes possibilidades de produção em contexto social por envolver diferentes modalidades expressivas e de linguagem, aliança de interesses e desejos, que nos permitem a constituição de um amplo e importante imaginário. Sua realidade cotidiana se confunde com os mais diversos acontecimentos constituindo-se em efeitos reais entre decisões e interesses de diferentes ordens e, assim, não se encontrando apartado dos rudimentos institucionais que constituem à escola enquanto tal. As imagens estão presentes em nossos cotidianos como isso que oferece sua tonicidade existencial, enquanto desdobramentos daquilo que percebemos, sentimos e pensamos o mundo em que vivemos.

Assim, acreditamos que as imagens possuem um papel não apenas importante no sentido de garantir o pertencimento dos praticantes aos espaços escolares, capazes de constituir suas identidades entre diferentes coletivos, mas também um papel imprescindível no sentido de pôr em relação os corpos com aquilo que usufruem, sentem e percebem no plano sensível. As imagens aqui estendem as relações corpóreas como isso que produz e amplia o seu contato, através dos efeitos que os relacionam, ampliando seu alcance sob a forma outros desdobramentos que, de certa maneira, ganham força a medida que a produção imagética se concilia com a lógica própria dos corpos no mundo.

Essa dimensão da imagem que pretendemos ressaltar parte necessariamente do entendimento de que, nos cotidianos, sua produção está sempre em vias de adquirir consistência, se conciliada com as singularidades daquilo que exige e se realiza junto ao seu pertencimento de mundo. Pertencimento que, antes dos possíveis de um determinado estado de coisas,



intenta renovar-se no viver de sua diferença, sendo a condição existencial de sua mobilidade e transformação de mundo. Suas imagéticas são igualmente as imagéticas dessas transformações que atam e desfazem as possibilidades do viver, entre aquilo que pode adquirir consistência nesse movimento sem término e interrupção definitiva.

Interessa-nos seu movimento de consistência por não restringir a imagem à condição representacional, responsável por posicioná-la em um jogo de capitalização da experiência e, assim, negligenciar os efeitos do desejo que se realizam em íntimo contato entre os corpos. Antes, intentamos contemplar seu movimento de consistência por entendermos como constitutivo do universo imagético, enquanto fundamento de sua produção, permitindo-nos pensar a condição de efeito entre os corpos como responsável pelo plano afetivo das imagens. São os efeitos dos corpos que fortalecem suas transformações de modo a garantir a permanência ou esquecimento das imagens, em uma dinâmica que produz e é produzida intimamente pelo cotidiano dos mundos.

O encontro dos corpos e suas imagéticas expressam a qualidade das relações que constituem os mundos vividos, ao mesmo tempo que produzem sua existência expressando suas realizações, um amplo território de sentidos e coisas em que se pode viver, habitar e usufruir os cotidianos. Suas articulações permitem que algo mais se desenvolva de modo a fundamentar impressões, pensamentos e sentidos, estabelecendo possibilidades para a sua renovação de mundo, como também a incorporação de sua diferença constitutiva que imprime sua marca no que não cessa de se dar como instituído.

Sendo pensamento e imagem uma produção corpórea realizada nesse contato com os demais corpos, sua investigação necessariamente nos conduz àquilo que é valioso à escola, sua capacidade de transformar-se a despeito das relações de poder que, sob uma modalidade disciplinar, procuram capitalizar seus efeitos epistêmicos e poéticos a favor de um estado de desigualdades generalizado. Nesse sentido, procuramos apresentar parte dessa investigação como forma de compartilhar aquilo que acreditamos constituir um gesto de aproximação para com a realidade imagética da escola e, por conseguinte, o solo de realizações pelo qual o imaginário atua pelo encontro dos corpos e pelos corpos.

*





Figura 1: primeiro dia de oficinas, realização das colagens.
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Acreditamos ser necessário conceber as imagéticas do corpo como vestígios dos desejos, anseios, prazeres e derivas daqueles que integram a escola, estabelecendo-se como pistas que se fazem no rascunho corpóreo das contribuições para os sentidos do cotidiano. Esse esforço metodológico nos permite pensar parte do vivido em seus contextos, enquanto possibilidade de compartilhamento da experiência, e, por conseguinte, aprofundar os diálogos com aqueles que a vivem em sua permanente transformação cotidiana.

Entretanto, o escrutínio metodológico exige de nossa parte a ponderação acerca das posições de poder que estimulam ou impedem o acontecimento desses processos de transformação, com iguais efeitos no plano imaginário e sua relação com o processo de produção da imagem. Entendemos que as estratégias institucionais frequentemente objetivam gestar tal produção, sob a redução de suas forças, circunscrevendo os limites do que seria lícito e ilegítimo para os processos pedagógicos em exercício. E, ao lado de tal empreendimento, erigem como ressalva epistemológica os cuidados com o uso das imagens nos currículos, por codificarem-nas como um dado ambivalente e de pouco importância para os diferentes campos de produção conhecimento.

Entendemos que a instituição escolar procura produzir em seus contextos uma forma de gestar também as imagens, como os efeitos que derivam do encontro entre os corpos, produzindo ela mesma um imaginário do empreendimento curricular voltado à sua pretensa eficácia. Ao mesmo tempo que lidamos com a condição de subalternidade da imagem quando relacionada à sua posição epistemológica, uma vez que ela mesmo se vê portadora de uma multiplicidade de sentidos que, de certa maneira, compromete um regime de produção conhecimento orientado pelo verdadeiro e falso.



Entretanto, no atual cenário de reformas conservadoras e, mesmo, violentas consideramos importante destacar potência presente nas táticas dos alunos que, ao procurarem habitar o território da escola, terminam por celebrar também suas resistências emancipatórias. Entendemos que, a despeito dos jogos de poder, novas brechas são abertas a todo momento pelos estudantes e integrantes da escola que não cessam de desejar nesse contato entre corpos. Suas ações são igualmente realizadoras de saberes e imagens como que articuladas às resistências em suas formas de viver, e depositárias dos vestígios de desejos que pretendem ganhar presença em território escolar.

O cotidiano escolar abriga uma vasta produção cultural em constante metamorfose onde imagem aparece como uma das possibilidades de contemplar, habitar e viver as produções dos que os habitam. Uma imagética que brinca com o uniforme escolar quando retratamos um corpo em arte de si e uma imagem íntima do contato com essas criações, além das formas de ocupar poeticamente os diferentes espaços da escola. São imagéticas que provocam a ruptura menor e não menos necessária dos cotidianos, imprimindo suas formas de viver em um espaço institucional que procura reduzir as suas lógicas a um único regime de verdade.

Assim, compreendemos que as lógicas da imagem e de sua corporeidade constituem os espaços da escola, como algo que participa intensamente das resistências aos exercícios de poder, com produções não menos fulgurantes e significativas do que o praticado pelos saberes curriculares instituídos. Sua investigação torna-se imensamente relevante no sentido de traçar aquilo que se produz com as imagens, incorporadas em uma imagética cotidiana, e importante à apreensão de outros saberes e conhecimentos propostos como estratégias pedagógicas.

Entendemos que o negligenciado pelo dispositivo institucional no que diz respeito às imagens igualmente minora aspectos das aprendizagens possuidores de uma dimensão sensorial e corpórea, estabelecendo limites facilmente alheias àquilo que é vivido em território escolar. Dessa feita, recorrer à imagem e às imagéticas do corpo significa conhecer uma dimensão cognitiva importante e jamais apartada do processo pedagógico, envolvendo uma dimensão que impulsiona os processos de aprendizagem aos problemas que, de fato, lhes interessa e toca seus desejos.

Esse trabalho procura apresentar uma experiência vivida em pesquisa como forma de pensar a dimensão imagética e corpórea do processo pedagógico indispensável aos objetivos da formação humana. Assim, procuramos traçar os caminhos de sua compreensão e lógica por diferentes vias a fim de melhor compartilhar sua problemática, profundamente necessária à educação e aos conhecimentos que lhes são de interesse.

*



Figura 2: segundo de dia da oficina, montagem da instalação.
 Fonte: Arquivo da Pesquisa

A elaboração das experiências possibilita a abertura de um diálogo com as imagens dos corpos e nos corpos que pode também oferecer consistência ao que pôde ser vivido na escola, junto aos praticantes, indicando possíveis caminhos para propostas pedagógicas comprometidas com o fortalecimento de sua condição existencial. Apresentamos aqui uma oficina de nossa pesquisa desenvolvida num colégio da rede pública de ensino, da cidade do Rio de Janeiro, com os bolsistas do programa PIBID¹ em Artes Visuais/UERJ como forma de abrir o diálogo entre o discutido a respeito das imagens e suas corporeidades na escola.

Seu objetivo inicial foi desestabilizar a visualidade instituída como forma de perceber por outras vias as imagens produzidas pelos próprios estudantes, pensando tal produção pelas resistências praticadas contra as formas de gestão das relações disciplinares. Boa parte da pesquisa pôde ser desenvolvida articulada às reuniões entre estudantes bolsistas (UERJ) e professoras colaboradoras, tendo como principal espaço de atividade e formação o Colégio Estadual Paulo de Frontin, possibilitando a frequência semanal ao espaço escolar e, assim, conhecer melhor os cotidianos que os constituem como espaço habitado por seus integrantes.

Nessas reuniões, procuramos pensar as condições que envolvem o cuidado com as demandas do colégio e a atenção destinada às propostas de oficina, aproximando os interesses da formação docente a questões relacionadas à comunidade escolar. O que tornou-se um território privilegiado em reflexões e possibilidades de abordagem, uma vez que o programa também envolve diferentes sujeitos em formação que, dentre outras coisas, constituem um espaço de descentramento do olhar.

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, financiado pela CAPES, Ministério da Educação.



A oficina que nos interessa discutir nesse artigo foi dividida em duas aulas realizadas no horário da disciplina do Ensino de Arte. O primeiro dia foi o momento de criação das colagens e manipulação das imagens que, acreditávamos, favoreciam uma prática com menos delimitações, possibilitando uma escrita subjetiva através da criação de paráfrases e contextualização de elementos da composição imagética. Após indicarmos aos alunos que fizessem o recorte de cinco imagens em um material disponível para esse fim, pedimos que procedessem à composição com elas a partir daquilo que lhes interessava como uma boa imagem, destinando um tempo maior da oficina na exploração desse aspecto da produção.

No segundo dia propusemos a observação dos trabalhos resultantes como um desdobramento do primeiro dia. Sob a forma de jogo, os estudantes foram solicitados a dispor o mobiliário da sala da maneira que quisessem em seu centro, formando assim uma instalação que pudesse ocupar o espaço e permitir diferentes entradas e saídas. Criando outras possibilidades de disposição para as carteiras, os estudantes empilhavam-nas umas sobre as outras de modo que preservassem algum tipo de organização. Em seguida circundamos essa instalação com fios de lã, buscando algo próximo de um cordel onde pudéssemos dispor as colagens.

Essa disposição que também exigia mobilidade dos estudantes pôde incorporar à proposta pedagógica uma série de ações significativas, assim como possibilitou durante o processo um diálogo e apreensão das colagens que, de alguma forma, se moviam junto com nossos corpos. A proposta de encontrar as imagens por outras vias pressupunha também a produção do olhar não somente no desenvolvimento da colagem, mas também no posicionamento dos corpos quando em sua tentativa de apreensão da imagem no espaço.

Movendo seus corpos por entre a instalação e ao encontro das colagens, os estudantes permitiam que outras possibilidades de falar, pensar e ver suas imagens pudessem lhes acontecer, na exata medida que, para elas e eles, foi possível participar do processo de construção da oficina e concepção das imagens. O envolvimento que percebemos presente entre os estudantes toma parte da proposta e de seus desdobramentos, uma vez que a finalidade do trabalho almeja pensar aquilo que lhes acontece em um processo diferente do habitual, onde deveriam manter seus corpos debruçados sobre as carteiras da sala de aula.

Acreditamos que, se não produz eminentemente o processo, o deslocar dos corpos favorece sua aparição, enquanto aparição de um outro olhar acerca das colagens e, por conseguinte, de uma corporeidade da imagem pouco experimentada pela disposição usual das propostas pedagógicas. Intentamos aqui pensar essa proposta de oficina como uma experiência de deslocamento do olhar acerca da imagem como um deslocamento dos corpos que as produzem, como metáfora entre o ver e o fazer possuidora de uma potência de realização de mundo e de sua aprendizagem fundamental.

*

Mal reorganizamos a sala para a realização proposta, os estudantes já se mostravam agitados com questões que lhes eram comuns, com brincadeiras habitualmente praticadas ao longo de seu dia na escola. Tal maneira de ocupar esse momento nos parecia significativo no sentido de encontrarmos aspectos muito pessoais de suas relações que, antes, não havíamos presenciado. Estávamos também muito à vontade para que o trabalho se desenrolasse na turma, como se no primeiro dia de oficina tivéssemos selado com uma cumplicidade tácita o que, de alguma forma, pensávamos conhecer algo mais entre nós.

Pedimos então que cada estudante dispusesse uma cadeira no centro na sala, já que procuraríamos abrir um espaço onde pudéssemos apreender suas colagens de outra maneira, longe daquilo que comumente se vê pratica em instituições museológicas com as imagens bidimensionais. O trabalho adquiriu a forma de um jogo onde cada qual era desafiado a produzir níveis e precipitar a presença do mobiliário em seu equilíbrio, movendo-nos ora às suas margens ora no interior que se modificava a medida que incluíamos novas peças à instalação.



Figura 3: segundo dia da oficina, montagem da instalação.
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Quando concluída a estrutura e nos considerávamos satisfeitos com o seu resultado, incluímos as colagens em posições que levavam em consideração à possibilidade de olhá-las, em níveis que exigiram diferentes disposições do observador. Alguns estudantes preferiram instalá-las no interior do aparato exigindo que o observador entrasse pela estrutura a fim de melhor contemplar a colagem, desdobrando o movimento por outros artifícios poéticos e, mesmo, fazendo perpetuar a mobilidade dos corpos pelos recursos que lhes eram dispostos.

Suas falas ocupavam cada vez mais o espaço da sala de aula conforme avançávamos na oficina, deixando ver suas surpresas com o que encontravam no processo, principalmente com

as colagens e seus elementos composicionais. Discutimos por fim tais descobertas a partir de textos descritivos que incorporamos à estrutura, relacionado tais constatações com as mudanças promovidas pelo espaço e na maneira com que os corpos se locomoviam ao longo do trabalho.

A metáfora dos deslocamentos vividos como movimento dos corpos em relação às imagens não está longe de produzir seus efeitos no processo pedagógico. Movendo os corpos em busca de aspectos significativos das colagens, como também a preparação do olhar que deriva do movimento de elaboração da estrutura, permitimo-nos encontrar os cotidianos da sala de aula por outras vias, já que em as falas dos estudantes expressavam surpresas e constatações não observadas na primeira oficina.

Acreditamos que tal experiência nos ajudou de certa maneira a pensar as imagéticas dos corpos, imagens incorporadas pelos corpos, no sentido de não apenas dar-nos a conhecer os cotidianos da escola e suas produções, como também tomar parte de seus acontecimentos por um viés eminentemente pedagógico. Isso ocorre porque a apreensão e descoberta de outras relações na composição da imagem de fato aconteceram, uma vez que os estudantes se perceberam mergulhados na proposta a ponto de comunicarem constantemente aspectos comuns às suas sociabilidades e às surpresas daquilo que não haviam observado.

A atuação pedagógica aqui encerra um movimento no qual os corpos não foram ser mantidos num regime de possibilidades que sustente relações disciplinares, mas possibilita ser atravessada pelos desvios que nossa corporeidade não cessa de produzir enquanto outras vias de existência. A metaforização do praticado e do imaginário está longe de favorecer um modo específico de formação humana, oferecendo dimensões intimamente vinculadas a diferentes aspectos da vida dos que habitam a escola.

*

Certo de que incorporação das imagens pelo seu exercício metafórico em gesto permite que outras aprendizagens acontecessem, sem necessariamente ser tutelados por rudimentos curriculares que, usualmente, terminam por negligenciar os efeitos imagéticos no processo de produção do conhecimento. Acreditamos que a possibilidade de deslocamento dos corpos no processo aproxima-se das possibilidades deslocamento do olhar, assim envolvendo outras relações com a imagem que estão longe de ser produzidas pela lógica disciplinar.

Reconhecemos que as proposições desenvolvidas aqui ainda possuem um caráter preliminar no sentido de apenas evidenciar um problema que pode outras camadas de compreensão, e mostrar apresentar outras produções imagéticas que constituem os cotidianos da escola em sua corporeidade instituinte. Entretanto, reunimos aspectos da experiência que nos pareceram tributários às lógicas dos corpos que habitam o espaço escolar em sua relação com as imagens produzidas, indiciando processos de aprendizagem que decorrem desse universo de relações pouco contemplado pelos currículos instituídos.



Uma vez que os currículos ainda se veem organizados em um regime de verdade que procura restringir os efeitos das imagens em seu exercício, não poderíamos deixar de supor que o vivido na experiência da oficina possui um caráter inusitado entre os processos pedagógicos considerados como legítimos. A força das imagéticas e de sua relação com corpo está em acionar processos em diferentes níveis e por um viés errático, se comparado com o tutelado pelos processos pedagógicos usuais, envolvendo uma multiplicidade de sentidos que opera com lógicas daquilo que é percebido e imaginado na experiência.

Acreditamos que esse esforço preliminar nos permite acompanhar os vestígios do corpo em suas imagéticas e as imagens conciliadas com sua dimensão corpórea, perdendo os rastros para logo encontra-los em outras visadas, conhecemos dessa maneira os cotidianos da escola em sua condição existencial e seus dramas, interesses e desejos.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B e ALVES, N. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro, RJ: DP & A, 2008, pg. 15-38.

_____. Sobre Movimentos das Pesquisas nos/dos/com os Cotidianos. In: OLIVEIRA, I. B e ALVES, N. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro, RJ: DP & A, 2008, pg. 39-49.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. 3ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. 4ª ed., São Paulo, SP: Perspectivas, 2007.

DIAS, Sousa. **A Lógica do Acontecimento: Deleuze e a filosofia**. Porto: Edições Afrontamentos, 1995.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. 6 ed. – Campinas, Sp: Papyrus, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos Praticados: Entre a regulação e emancipação**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTO, Denise Espírito. **Corpos Maquímicos**. In: SANTO, Denise Espírito; MOTTA, Gilson. **Zonas de contato: usos e abusos de uma poética do corpo**. Rio de Janeiro: Outras letras, 2014, p. 9-21.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paula: Companhia das Letras, 2004.

TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo. **Circunstâncias e Ingerências da Cultura Visual**. In: TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo (orgs). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria, RS: Ed. Da UFSM, 2011, pg 51-68.

VICTORIO FILHO, Aldo. **A Arte na/da Educação: a invenção cotidiana da escola**. Tese de Doutorado, UERJ, 2005.

_____. Um início, um fim: a cidade-tudo... in: _____ et al. **Educação e Áudio Visual**. Curitiba: Appris, 2018. P. 50.

Minicurrículos

Victor Junger

Pedagogo pela Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Mestre em Artes Visuais pelo PPGArtes/UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Doutorando pelo Proped/UERJ (Programa de Pós-Graduação em Educação), bolsista CAPES e graduando no curso de licenciatura de Artes Visuais/UERJ.

Bianca de Menezes C. da Silva

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPED) pela UERJ. Bolsista de Mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Graduada em Pedagogia pela UERJ.

Breno Felipe A. O. Gomes

Licenciando em Artes Visuais pela UERJ. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPQ.